

L

23168

SINGULARIDADES

DE

UMA RAPARIGA LOURA

POR

EÇA DE QUEIROZ

SINGULARIDADES

UMA RAFAELIA LOPES

DE GIBRALTAR

SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOURA

I

Começou por me dizer que o seu caso era simples — e que se chamava Macario...

Devo contar que conheci este homem n'uma estalagem do Minho. Era alto e grosso: tinha uma calva larga, lusidia e lisa, com repas brancas que se lhe errissavam em redor: e os seus olhos pretos, com a pelle em roda engelhada e amarellada, e olheiras papudas, tinha uma singular claresa e rectidão — por traz dos seus oculos redondos com aros de tartaruga. Tinha a barba rapada, o queixo saliente e resolutivo. Trazia uma gravata de setim negro apertada por traz com uma fivela; um casaco comprido cor de pinhão, com as mangas estreitas e justas e canhões de velludilho. E pela longa abertura do seu collete de seda, onde reluzia um grilhão antigo, — saiam as pregas molles de uma camisa bordada.

Era isto em setembro: já as noites vinham mais cedo, com uma friagem fina e secca e uma escuridão apparatusa. Eu tinha descido da diligencia, fatigado, esfomeado, tiritando, n'um cobrejão de listas escarlates.



Vinha de atravessar a serra e os seus aspectos pardos e desertos. Eram 8 horas da noite. Os ceos estavam pesados e sujos. E, ou fosse um certo adormecimento cerebral produzido pelo rolar monotonico da diligencia, ou fosse a debilidade nervosa da fadiga, ou a influencia da paisagem descarpada e chata, sob o concavo silencio nocturno, ou a oppressão da electricidade, que enchia as alturas — o facto é — que eu, que sou naturalmente positivo e realista, — tinha vindo tyrannizado, pela imaginação e pelas chimeras. Existe, no fundo de cada um de nós, é certo, — tão friamente educados que se-jamos, — um resto de mysticismo; e basta ás vezes uma paisagem soturna, o velho muro de um cemiterio, um ermo ascetico, as emollientes brancuras de um luar, — para que esse fundo mystico, suba, se alargue como um nevoeiro, encha a alma, a sensação e a idéa, e fique assim o mais mathematico, ou o mais critico — tão triste, tão visionario, tão idealista — como um velho monge poeta. A mim, o que me lançara na chimera e no sonho, fôra o aspecto do mosteiro de Rostello, que eu tinha visto, na claridade suave e outomnal da tarde, na sua doce collina. Então, emquanto anoitecia, a diligencia rolava continuamente ao trote esgalgado dos seus magros cavallos brancos, e o cocheiro, com o capuz do gabão enterrado na cabeça, ruminava o seu cachimbo — eu puz-me elegiacamente, ridiculamente, a considerar a esterilidade da vida: e desejava ser um monge, estar n'um convento, tranquillo, entre arvoredos, ou na murmurosa concavidade d'um valle, e emquanto a agua da cerca canta sonoramente nas bacias de pedra, ler a Imitação, e ouvindo os rouxinoes nos loireiraes ter

saudades do ceo. — Não se pôde ser mais estúpido. Mas eu estava assim, e attribuo a esta disposição visionaria a falta de espirito — a sensação — que fez a historia d'aquelle homem dos canhões de velludilho. A minha curiosidade começou á ceia, quando eu desfazia o peito de uma gallinha afogada em arroz branco, com fatias escarlates de paio — e a creada, uma gorda e cheia de sardas, fazia espumar o vinho verde no copo, fazendo-o cair de alto de uma caneca vidrada: o homem estava de frente de mim, comendo tranquillamente a sua ge-léa: perguntei-lhe, com a bocca cheia, o meu guardanapo de linho de Guimarães suspenso nos dedos — se elle era de Villa Real.

— Vivo lá. Ha muitos annos — disse-me elle.

— Terra de mulheres bonitas, segundo me consta, disse eu.

O homem callou-se.

— Hein? tornei.

O homem contrahiu-se n'um silencio saliente. Até ahi estivera alegre, rindo dilatadamente, loquaz, e cheio de bonhomia. Mas então immobilizou o seu sorriso fino.

Comprehendi que tinha tocado a carne viva de uma lembrança. Havia de certo no destino d'aquelle velho uma *mulher*. Ahi estava o seu melodrama ou a sua farça, porque inconscientemente estabeleci-me na idéa de que o *facto*, o *caso* d'aquelle homem, devera ser grotesco, e exhalar escarneo.

De sorte que lhe disse:

— A mim teem-me affirmado que as mulheres de Villa Real são as mais bonitas do Minho. Para olhos pretos Guimarães, para corpos Santo Aleixo,

para tranças os Arcos : é lá que se veem os cabellos claros côr de trigo.

— O homem estava calado, comendo, com os olhos baixos.

— Para cinturas finas Vianna, para boas pelles Amarante — e para isto tudo Villa Real. Eu tenho um amigo que veiu casar a Villa Real. Talvez conheça. O Peixoto, um alto, de barba loira, bachelarel.

— O Peixoto, sim, disse-me elle, olhando gravemente para mim.

— Veiu casar a Villa Real como antigamente se ia casar a Andaluzia — questão de arranjar a fina flôr da perfeição. — Á sua saude.

Eu evidentemente constrangia-o, porque se ergueu, foi á janella com um passo pesado, e eu reparei então nos seus grossos sapatos de casimira com sola forte e atilhos de coiro. E saiu.

Quando eu pedi o meu castiçal, a criada trouxe-me um candieiro de latão lustroso e antigo e disse :

— O senhor está com outro. É no n.º 3.

Nas estalagens do Minho, ás vezes, cada quarto é um dormitorio impertinente.

— Vá, disse eu.

O n.º 3 era no fundo do corredor. Ás portas dos lados os passageiros tinham posto o seu calçado para engraxar : estavam umas grossas botas de montar, enlameadas, com esporas de correia ; os sapatos brancos de um caçador, botas de proprietario, de altos cannôs vermelhos ; as botas de um padre, altas, com a sua borla de retroz ; os botins cambados de bezerro, de um estudante ; e a uma das portas, o n.º 45, havia umas botinas

de mulher, de duraque, pequeninas e finas, e ao lado as pequeninas botas de uma creança, todas coçadas e batidas, e os seus cannos de pellica-mór, caíam-lhe para os lados com os atacadores desatados. Todos dormiam. Defronte do n.º 3 estavam os sapatos de casimira com atilhos: e quando abri a porta vi o homem da dos canhões de velludilho, que amarrava na cabeça um lenço de seda: estava com uma jaqueta curta de ramagens, uma meia de lã, grossa e alta, e os pés mettidos n'uns chinellos de ourello.

— O senhor não repare, disse elle.

— Á vontade — e para estabelecer a intimidade tirei o casaco.

Não direi os motivos porque elle d'ahi a pouco, já deitado, me disse a sua historia. Ha um proverbio slavo da Galicia que diz: o que não contas á tua mulher, o que não contas ao teu amigo, contal-o a um estranho, na estalagem. Mas elle teve raivas inesperadas e dominantes para a sua larga e sentida confidencia. Foi a respeito do meu amigo, do Peixoto, que fôra casar a Villa Real. Vi-o chorar, aquelle velho de quasi sessenta annos: talvez a historia seja julgada trivial: a mim, que n'essa noite estava nervoso e sensivel, pareceu-me terrivel, — mas conto-a apenas como um accidente singular da vida amorosa...

Começou pois por me dizer que o seu caso era simples — e que se chamava Macario.

Perguntei-lhe então se era de uma familia que eu conhecera que tinha o appellido de *Macario*. E como elle me respondeu que era primo d'esses, eu tive logo do seu character uma idéa sympathica, porque os Macarios eram uma antiga familia, quasi

uma dynastia de commerciantes, que mantinham com uma severidade religiosa a sua velha tradição de honra e de escrupulo. Macario disse-me que n'esse tempo, em 1823 ou 33, na sua mocidade, seu tio Francisco tinha em Lisboa um armazem de pannos, e elle era um dos caixeiros. Depois o tio compenetrára-se de certos instinctos intelligentes e do talento pratico e arithmetico de Macario, e deu-lhe a escripturação. Macario tornou-se o *seu guarda-livros*.

Disse-me elle que sendo naturalmente lymphatico e mesmo timido, a sua vida tinha n'esse tempo uma grande concentração. Um trabalho escrupuloso e fiel, algumas raras merendas no campo, um apuro saliente de fato e de roupas brancas, era todo o interesse da sua vida. A existencia n'esse tempo era caseira e apertada. Uma grande simplicidade social aclarava os costumes: os espiritos eram mais ingenuos, os sentimentos menos complicados. Jantar alegremente n'uma horta, debaixo das parreiras, vendo correr a agua das regas — chorar com os melodramas que rugiam entre os bastidores do Salitre, allumiados a cêra, eram contentamentos que bastavam á burguezia cautelosa. Além d'isso os tempos eram confusos e revolucionarios: e nada torna o homem recolhido, conchegado á lareira, simples e facilmente feliz — como a guerra. É a paz que dando os vagares da imaginação — causa as impaciencias do desejo.

Macario aos vinte e dois annos, ainda não tinha — como lhe dizia uma velha tia, que fôra querida do desembargador Curvo Semedo, da Arcadia — *sentido Venus*.

Mas por esse tempo veio morar para defronte

do armazem dos Macarios, para um terceiro andar, uma mulher de quarenta annos, vestida de luto, uma pelle branca e baça, o busto bem feito e redondo, e um aspecto desejavel. Macario tinha a sua carteira no primeiro andar por cima do armazem, ao pé de uma varanda, e d'alli viu uma manhã aquella mulher com o cabello preto solto e annellado, um chambre branco e braços nus, chegar-se a uma pequena janella de peitoril, a sacudir um vestido. Macario affirmou-se, e sem mais intenção dizia mentalmente que aquella mulher aos vinte annos devia ter sido uma pessoa captivante e cheia de dominio: porque os seus cabellos violentos e asperos, o sobr'olho espesso, o labio forte, o perfil aquilino e firme, revelavam um temperamento activo, e imaginações apaixonadas. No entanto, continuou serenamente alinhando as suas cifras. Mas á noite estava sentado fumando á janella do seu quarto que abria sobre o pateo: era em julho e a athmosphera estava electrica e amorosa: a rebecca de um visinho gemia uma *chacara* mourisca, que então sensibilisava, e era de um melodrama; o quarto estava n'uma penumbra doce e cheia de mysterio — e Macario, que estava em chinelas, começou a lembrar-se d'aquelles cabellos negros e fortes e d'aquelles braços que tinham a côr dos marmores pallidos: espreguiçou-se, rolou morbidamente a cabeça pelas costas da cadeira de vime, como os gatos sensiveis que se esfregam, e decidiu bocejando que a sua vida era monotona. E ao outro dia, ainda impressionado, sentou-se á sua carteira com a janella toda aberta, e olhando o predio fronteiro, onde viviam aquelles cabellos grandes — começou a aparar vagarosamente a sua

penna de rama. Mas ninguem se chegou á janella de peitoril, com caixilhos verdes. Macario estava enfasiado, pesado e o trabalho foi lento. Pareceu-lhe que havia na rua um sol alegre, e que nos campos as sombras deviam ser mimosas e que se estaria bem, vendo o palpar das borboletas brancas nas madresilvas! E quando se fechou a carteira sentiu defronte correr-se a vidraça; eram decerto os cabellos pretos. Mas appareceram uns cabellos loiros. Oh! E Macario veio logo salientemente para a varanda aparar um lapis. Era uma rapariga de vinte annos, talvez, fina, fresca, loira como uma vinbeta ingleza: a brancura da pelle tinha alguma coisa da transparencia das velhas porcelanas, e havia no seu perfil uma linha pura como de uma medalha antiga, e os velhos poetas pittorescos ter-lhe-hiam chamado — pomba, arminho, neve e oiro.

Macario disse consigo: é filha. A outra vestia de luto, mas esta, a loira, tinha um vestido de cassa com pintas azues, um lenço de cambraia traspasado sobre o peito, as mangas perdidas com rendas, e tudo aquillo era aceiado, moço, fresco, flexivel e tenro.

Macario n'esse tempo era loiro com a barba curta. O cabello era annellado e a sua figura devia ter aquelle ar secco e nervoso que depois do seculo xviii e da revolução — foi tão vulgar nas raças plebeas.

A rapariga loira reparou naturalmente em Macario, mas naturalmente desceu a vidraça, correndo por traz uma cortina de cassa bordada. Estas pequenas cortinas datam de Goethe e ellas teem na vida amorosa — um interessante destino — re-

velam : levantar-lhes uma ponta e espreitar, franzil-a suavemente, resvala um fim ; correl-a, pregar n'ella uma flôr, agital-a fazendo sentir que por traz um rosto attento se move e espera — são velhas maneiras com que na realidade e na arte começa o romance. A cortina ergueu-se devagarinho e o rosto loiro espreitou.

Macario não me contou por pulsações — a historia minuciosa do seu coração. Disse singellamente que d'abi a cinco dias — *estava doido por ella*. O seu trabalho tornou-se logo vagaroso e infiel e o seu bello cursivo inglez firme e largo ganhou curvas, ganchos, rabiscos, onde estava todo o romance impaciente dos seus nervos. Não a podia ver pela manhã: o sol mordente de julho, battia e escaldava a pequena janella de peitoril. Só pela tarde, a cortina se franzia, se corria a vidraça, e ella, estendendo uma almofadinha no rebordo do peitoril, vinha encostar-se mimosa e fresca com o seu leque. Leque que preoccupou Macario: era uma ventarola chineza, redonda, de seda branca com dragões escarlates bordados á penna, uma cercadura de plumagem azul, fina e tremula como uma pennugem e o seu cabo de marfim, d'onde pendiam duas borlas de fio de oiro, tinha incrustações de nacar á linda maneira persa.

Era um leque magnifico e n'aquelle tempo inesperado nas mãos plebeas de uma rapariga vestida de cassa. Mas como ella era loira e a mãe tão meridional, Macario, com esta intuição interpretativa dos namorados, disse á sua curiosidade: será filha de um inglez. O inglez vae á China, á Persia, a Ormuz, á Australia e vem cheio d'aquellas joias dos luxos exóticos, e nem Macario sabia por que é

que aquella ventarola de mandarina o preocupava assim: mas segundo elle me disse — *aquillo deu-lhe no goto.*

Tinha-se passado uma semana, quando um dia Macario viu, da sua carteira que ella, a loira, saia com a mãe, porque se acostumava a considerar mãe d'ella aquella magnifica pessoa, magnificamente pallida e vestida de luto.

Macario veiu á janella e viu-a atravessar a rua, e entrarem no armazem. No seu armazem! Desceu logo tremulo, soffrego, apaixonado e com palpitações. Estavam ellas já encostadas ao balcão e um caixeiro desdobrava-lhes defronte casimiras pretas. Isto commoveu Macario. Elle mesmo m'o disse:

— Porque emfim, meu caro, não era natural que ellas viessem comprar, para si, casimiras pretas.

E não: ellas não usavam *amazonas*, não queriam decerto estofar cadeiras com casimira preta, não havia homens em casa d'ellas, portanto aquella vinda ao armazem era um meio delicado de o ver de perto, de lhe fallar, e tinha o encanto penetrante de uma mentira sentimental. Eu disse a Macario: que sendo assim, elle devia estranhar aquelle movimento amoroso, porque denotava na mãe uma complicidade equivoca. Elle confessou-me *que nem pensava em tal.* O que fez foi chegar ao balcão e dizer estupidamente:

— Sim, senhor, vão bem servidas, estas casimiras não encolhem.

E a loira ergueu para elle o seu olhar azul e foi como se Macario se sentisse envolvido na doçura de um céu.

Mas quando elle ia dizer-lhe uma palavra reveladora e vehemente, appareceu ao fundo do arma-

zem o tio Francisco, com o seu comprido casaco cor de pinhão, de botões amarellos. Como era singular e desusado achar-se o sr. guarda-livros vendendo ao balcão, e o tio Francisco com a sua critica estreita e celibataria escandalisar-se, Macario começou a subir vagarosamente a escada em caracol que levava ao escriptorio, e ainda ouviu a voz delicada da loira dizer brandamente :

—Agora queria ver lenços da India.

E o caixeiro foi buscar um pequenino pacote d'aquelles lenços, acamados e apertados n'uma tira de papel dourado.

Macario que tinha visto n'aquella visita uma revelação de amor, quasi uma *declaração*, esteve todo o dia entregue ás impaciencias amargas da paixão. Andava distrahido, abstracto, pueril, não deu attenção á escripturação, jantou callado, sem escutar o tio Francisco que exaltava as almondegas, mal reparou no seu ordenado que lhe foi pago em pintos ás tres horas, e não entendeu bem as recommendações do tio e a preoccupação dos caixeiros sobre o desaparecimento de um pacote de lenços da India :

— É o costume de deixar entrar pobres no armazem, tinha dito no sen laconismo magestoso o tio Francisco ; são 12,5000 réis de lenços. Lance á minha conta.

Macario no entanto ruminava secretamente uma carta, mas succedeu que ao outro dia, estando elle á varanda, a mãe, a de cabellos pretos, veio encostar-se ao peitoril da janella, e n'este momento, passava na rua um rapaz amigo de Macario, que vendo aquella senhora affirmou-se e tirou-lhe com uma cortezia toda risonha o seu chapéo de palha.

Macario ficou radioso: logo n'essa noite procurou o amigo, e abruptamente sem meia tinta:

— Quem é aquella mulher que tu hoje comprimentaste defronte do armazem.

— E' a Villaça. Bella mulher.

— E a filha?

— A filha!

— Sim uma loira, clara, com um leque chinez.

— Ah sim. E' filha.

— É o que eu dizia...

— Sim e então?

— É bonita.

— É bonita.

— É gente de bem, hein?

— Sim, gente de bem.

— Está bom! Tu conhecel-as muito.

— Conheço-as. Muito não. Encontrava-as d'antes em casa de D. Claudia.

— Bem, ouve lá.

E Macario, contando a historia do seu coração acordado e exigente, e fallando do amor com as exaltações de então, pediu-lhe como a gloria da sua vida *que achasse um meio de o encaixar lá*. Não era difficil. As Villaças costumavam ir aos sabbados a casa de um tabellião muito rico da rua dos Calafates: eram assembléas simples e pacatas, onde se cantavam motetes ao cravo, se glosavam motes e havia jogos de prendas do tempo da senhora D. Maria I, e ás 9 horas a criada servia a orchata. Bem. Logo no primeiro sabbado, Macario, de casaca azul, calças de ganga com presilhas de trama de metal, gravata de setim rôxo, curvava-se diante da esposa do tabellião, a senhora D. Maria da Graça, pessoa secca e aguçada, com um vestido

bordado a matiz, um nariz adunco, uma enorme luneta de tartaruga, e pluma de marabout nos seus cabellos grisalhos. A um canto da sala já lá estava, entre um *frou-frou* de vestidos enormes, a menina Villaça, a loira, vestida de branco, simples, fresca, com o seu ar de gravura colorida. A mãe Villaça, a soberba mulher pallida, cochichava com um desembargador de figura apopletica. O tabellião era homem letrado, latinista, e amigo das musas, escrevia n'um jornal de então a *Alcofa das Damas*: porque era sobretudo galante, e elle mesmo se intitulava n'uma ode pittoresca, *moço escudeiro de Venus*. Assim as suas reuniões eram occupadas pelas bellas-artes — e n'uma noite um poeta do tempo devia vir lêr um poemeto intitulado *Elmira ou a vingança do veneziano!*... Começavam então a apparecer as primeiras audacias romanticas. As revoluções da Grecia principiavam a attrahir os espiritos romanescos e saídos da mythologia para os paizes maravilhosos do oriente. Por toda a parte se fallava no pachá de Janina. E a poesia apossava-se vorazmente d'este mundo novo e virginal de minaretes, serralhos, sultanas côr de ambar, piratas do archipelago, e salas rendilhadas, cheias do perfume do áloes onde pachás decrepitos acariciam leões. — De sorte que a curiosidade era grande — e quando o poeta appareceu com os cabellos compridos, o nariz adunco e fatal, o pescoço entalado na alta gola do seu frak á restauração e um canudo de lata na mão — o sr. Macario é que não teve sensação, porque lá estava todo absorvido, fallando com a menina Villaça, e dizia-lhe meigamente:

— Então, n'outro dia, gostou das casimiras ?

— Muito, disse ella baixo.

E desde esse momento envolveu-os um destino nupcial.

No entanto na larga salla, a noite passava-se espiritualmente. Macario não pôde dar todos os pormenores historicos e caracteristicos d'aquella assembléa. Lembrava-se apenas que um corregedor de Leiria recitava o *Madrigal a Lydia*: lia-o de pé, com uma luneta redonda applicada sobre o papel, a perna direita lançada para diante, a mão na abertura do collete branco de gola alta, e em redor o circulo das damas, recamadas de vestidos de ramagens, cobertas de plumas, as mangas estreitas, terminadas n'um fofo de rendas; mitenes de retroz preto cheios da scintillação dos anneis; tinham sorrisos ternos, cochichos, doces murmurações, risinhos, e um brando palpitar de leques recamados de lentejoulas. — Muito bonito, diziam, muito bonito! E o corregedor desviando a luneta, cumprimentava sorrindo, e via-se-lhe um dente podre.

Depois a preciosa D. Jeronyma da Piedade e Sande, sentando-se com maneiras commovidas, ao cravo, cantou com a sua voz roufenha, a antiga aria de Sully

Oh Ricardo, oh meu rei,
O mundo te abandona.

o que obrigou o terrivel Gaudencio, democrata de 20 e admirador de Robespierre, a rosnar rancorosamente junto de Macario:

— Reis-viboras!

Depois, o conego Savedra cantou uma modinha de Pernambuco muito usada no tempo do senhor

D. João vi: *lindas moças, lindas moças* — e a noite ia assim correndo, litteraria, pachorrenta, erudita, requintada e toda cheia de musas.

Oito dias depois, Macario era recebido em casa da Villaça, n'um domingo. A mãe convidára-o, dizendo-lhe: espero que o visinho honre aquella choupana. — E até o desembargador apoplectico, que estava ao lado, exclamou: choupana! diga alcaçar! formosa dama!

Estava, n'esta noite, o amigo do chapéu de palha, um velho cavalleiro de Malta, tropego, estúpido e surdo, um beneficiado da sé, illustre pela sua voz de tiple, e as manas Hilarias, a mais velha das quaes, tendo assistido, como aia de uma senhora da casa da Mina, á tourada de Salvaterra, em que morreu o conde dos Arcos, nunca deixava de narrar os episodios pittorescos d'aquella tarde: a figura do conde dos Arcos de cara rapada e uma fita de setim escarlata no rabicho; o soneto que um magro poeta parasita da casa de Vimioso, recitou quando o conde entrou, fazendo ladear o seu cavallo negro, arreado á hespanhola, com um chairel onde as suas armas estavam lavradas em prata: o tombo que n'esse momento um frade de S. Francisco deu da trincheira alta, e a hilaridade da cõrte, que até a sr.^a condessa de Pavolide apertava as mãos nas ilhargas: depois el-rei o senhor D. José i, vestido de velludo escarlata, recamado de oiro, todo encostado ao rebordo do seu palanque, e fazendo girar entre dois dedos a sua caixa de rapé cravejada, e por traz immoveis, o physico Lourenço, e o frade, seu confessor: depois o rico aspecto da praça cheia de gente de Salvaterra, maioraes, mendigos dos arredores, frades, lacaiois, e o grito que

houve, quando D. José entrou:—Viva el-rei, nosso senhor, e o povo ajoelhou, e el-rei tinha-se sentado, comendo doces, que um criado trouxe n'um sacco de veludo atraz d'elle: depois a morte do conde dos Arcos, os desmaios, e até el-rei todo debruçado, batendo com a mão no parapeito, gritava na confusão, e logo o capellão da casa de Arcos tinha corrido a buscar a extrema-uncção: ella Hilaria, ficara atarracada de pavor, sentia os urros dos bois, gritos agudos de mulheres, os ganidos dos flatos, e vira então um velho, todo vestido de veludo preto, com a fina espada na mão, debater se entre fidalgos e damas que o seguravam, e querer atirar-se á praça, bradando de raiva: É o pae do conde: ella então desmaia nos braços de um padre da congregação. Quando veiu a si, achou-se junto da praça; a berlinda real, está á porta, com os postilhões emplumados, os machos cheios de guisos e os batedores com pampilhos: el-rei já estava dentro, escondido no fundo, pallido, sorvendo febrilmente rapé, todo encolhido com o confessor; e defronte, com uma das mãos apoiada á alta bengala, forte, espaduado, com o aspecto carregado, o marquez de Pombal, fallando devagar e intimativamente, e gesticulando com a luneta: mas os batedores picaram, os estalos dos postilhões retiniram, e a berlinda partiu ao galope, enquanto o povo gritava: Viva el-rei nosso senhor—e o sino da porta da capella do paço tocava a finados! Era uma honra que el-rei concedia á casa dos Arcos.

Quando D. Hilaria acabou de contar, suspirando, estas desgraças passadas, começou-se a jogar. Era singular que Macario não se lembrava o que tinha jogado n'essa noite radiosa. Só se recordava que

elle tinha ficado ao lado da menina Villaça, que se chamava Luiza, que elle reparara muito na sua fina pelle rosada, tocada de luz, e na meiga e amorosa pequenez da sua mão com uma unha mais polida que o marfim de Dieppe. E lembrava-se tambem de um accidente excentrico, que determinava n'elle, desde esse dia, uma grande hostilidade ao clero da sé. Macario estava sentado á mesa e ao pé d'elle Luiza: Luiza estava toda voltada para elle, com uma das mãos apoiando a sua fina cabeça loura e amorosa, e a outra esquecida no regaço. Defronte estava o beneficiado, com o seu barrete preto, os seus oculos na ponta aguda do nariz, o tom azulado da forte barba rapada, e as suas duas grandes orelhas, complicadas e cheias de cabello, separadas do craneo como dois postigos abertos. Ora, como era necessario no fim do jogo pagar uns tentos ao cavalleiro de Malta que estava ao lado do beneficiado, Macario tirou da algibeira uma peça e quando o cavalleiro, todo curvado e com um olho piscado, fazia a somma dos tentos nas costas de um az, Macario conversava com Luiza, e fazia girar sobre o panno verde a sua peça de oiro, como um bilro ou um peão. Era uma peça nova que luzia, fais-cava, rodando, e fazia a vista como uma bola de nevoa dourada. Luiza sorria vendo-a girar, girar, e parecia a Macario que todo o céu, a pureza, a bondade das flôres e a castidade das estrellas estava n'aquelle claro sorriso, distrahido, espirital, archangelico com que elle gira, gira, a peça de oiro nova. Mas de repente a peça correndo até á borda da mesa caiu para o lado do regaço de Luiza, e desapareceu, sem se ouvir no soalho de taboas o seu ruido metalico. O beneficiado abaixou-se logo

cortezmente : Macario affastou a cadeira, olhando para debaixo da mesa : a mãe Villaça allumiou com um castiçal, e Luiza ergueu-se e sacudiu com pequenina pancada o seu vestido de cassa. A peça não appareceu.

— É celebre, disse o amigo de chapéu de palha, eu não ouvi tenir no chão.

— Nem eu, nem eu, disseram.

O beneficiado, curvado como um F buscava tenazmente, e Hilaria mais nova, rosnava o responso de Santo Antonio.

— Pois a casa não tem buracos, dizia a mãe Villaça.

— Sumiço assim, resmungava o beneficiado.

No entanto Macario exhalava-se em exclamações desinteressadas :

— Pelo amor de Deus ! Ora que tem ! Amanhã apparecerá ! Tenham a bondade ! Por quem são ! Então sr.^a D. Luiza. Pelo amor de Deus ! Não vale nada !

Mas mentalmente estabeleceu — que houvera uma subtracção — e attribuiu-a ao beneficiado. A peça rolára, de certo, até junto d'elle, sem ruido : elle pozera-lhe em cima o seu vasto sapato ecclesiastico e taxado, depois no movimento brusco e curto que tivera, empolgara-a vilmente. E quando saíram, o beneficiado, todo embrulhado no seu vasto capote de camelão, dizia a Macario pela escada :

— Ora o sumiço da peça, hein, que brincadeira !

— Acha sr. beneficiado, disse Macario parando, absorto de imprudencia.

— Ora essa ! se acho ! Se lhe parece ! Uma peça de 7\$000 réis. Só se o senhor as semeia ! Safa ! Eu dava em doido.

Macario teve tedio d'aquella astucia fria. Não lhe respondeu. O beneficiado é que accrescentou:

— Amanhã mande lá pela manhã, homem. Que diabo... Deus me perdôe! Que diabo, uma peça não se perde assim. Que bolada, hein!

E Macario tinha vontade de lhe bater.

Foi n'este ponto que Macario me disse com a voz singularmente sentida:

— Emfim meu amigo, para encurtarmos razões resolvi-me casar com ella.

— Mas a peça.

— Não pensei mais n'isso! Pensava eu lá na peça! Resolvi-me casar com ella!

II

Macario contou-me o que o determinára mais precisamente áquella resolução profunda e perpetua. Foi um beijo. Mas esse caso, casto e simples, eu callo-o; — mesmo porque a unica testemunha foi uma imagem em gravura da Virgem, que estava pendurada no seu caixilho de pau preto, na saleta escura que abria para a escada... Um beijo fugitivo, superficial, ephemero. Mas isto bastou ao espirito recto e severo para o obrigar a tomal-a como esposa, a dar-lhe uma fê immutavel, e a posse da sua vida. Taes foram os seus esponsaes. Aquella sympathica sombra de janellas visinhas — tornara-se para elle um destino, o fim moral da sua vida, e toda a idéa dominante do seu trabalho. E esta historia toma desde logo um alto character de santidade e de tristeza.

Macario fallou-me muito do character e da figura do tio Francisco: a sua possante estatura, os seus

olhos de oiro, a sua barba grisalha, em collar, por baixo do queixo, um tic nervoso que tinha n'uma asa do nariz, a dureza da sua voz, a sua austera e magestosa tranquillidade, os seus principios antigos, autoritarios e tyrannicos, e a brevidade telegraphica das suas palavras.

Quando Macario lhe disse uma manhã ao almoço, ex-abruptamente, sem transições emollientes: peço-lhe licença para casar — o tio Francisco, que deitava assucar no seu café, ficou callado, remechendo com a colher, devagar, magestoso e terrivel: e quando acabou de sorver pelo pires, com grande ruido, tirou do pescoço o guardanapo, dobrou-o, aguçou com a faca o seu palito, metteu-o na bocca e saiu: mas á porta da salla parou e voltando-se para Macario, que estava de pé, junto da mesa, disse seccamente:

— Não.

— Perdão, tio Francisco.

— Não.

— Mas oiça, tio Francisco.

— Não.

Macario sentiu uma grande colera:

— N'esse caso, faço-o sem licença.

— Despedido da casa.

— Sairei. Não haja duvida.

— Hoje.

— Hoje.

E o tio Francisco, ia a fechar a porta, mas voltando-se:

— Olá, disse elle a Macario, que estava exasperado, apopletico, raspando nos vidros da janella.

Macario voltou-se com uma esperanza.

— Dê-me d'ahi a caixa de rapé, disse o tio Francisco.

Tinha-lhe esquecido a caixa! Portanto estava perturbado.

— Tio Francisco, começou Macario.

— Basta. Estamos a 12. Receberá o seu mez por inteiro. Vá.

As antigas educações produziam estas situações insensatas. Era brutal e idiota. Macario affirmou-me que era assim.

N'essa tarde Macario achava-se no quarto de uma hospedaria na Praça da Figueira com seis peças, o seu bahu de roupa branca e a sua paixão. No entanto estava tranquillo. Sentia o seu destino cheio de apuros. Tinha relações e amisades no commercio. Era conhecido vantajosamente: a nitidez do seu trabalho, a sua honra tradicional, o nome da familia, o seu tacto commercial, o seu bello cursivo inglez abriam-lhe, de par em par, respeitosa-mente, todas as portas dos escriptorios. No outro dia foi procurar alegremente o negociante Falleiro, antiga relação commercial da sua casa.

— De muito boa vontade, meu amigo, disse-me elle. Quem m'o dera cá. Mas se o recebo, fico de mal com seu tio, meu velho amigo de vinte annos. Elle declarou-m'o cathegoricamente. Bem vê. Força maior. Eu sinto, mas...

E todos, a quem Macario se dirigiu, confiado em relações solidas, receiavam, *ficar de mal com seu tio, meu velho amigo de vinte annos.*

E todos *sentiam, mas...*

Macario dirigiu-se então a negociantes novos, estranhos á sua casa e á sua familia, e sobretudo aos estrangeiros: esperava encontrar gente livre da

amisade de vinte annos do tio. Mas para esses Macario era desconhecido, e a sua dignidade e o seu habil trabalho. Se tomavam informações sabiam que elle fôra despedido da casa do tio repentinamente, por causa de uma rapariga loira, vestida de cassa. Esta circumstancia tirava as sympathias a Macario. O commercio evita o guarda-livros sentimental. De sorte que Macario começou a sentir-se n'um momento agudo. Procurando, pedindo, rebuscando, o tempo passava, sorvendo, pinto a pinto, as suas seis peças.

Macario, mudou para uma estalagem barata, e continuou farejando. Mas como fôra sempre de temperamento recolhido, não creára amigos. De modo que se encontrava desamparado e solitario — e a vida apparecia-lhe como um descampado.

As peças findaram. Macario entrou, pouco a pouco, na tradição antiga da miseria: ella tem solemnidades fataes e estabelecidas: começou por empenhar. Depois vendeu. Relógio, aneis, casaco azul, cadeia, paletot de alamares, tudo foi levando pouco e pouco, embrulhado debaixo do chaile, uma velha secca e cheia de asthma.

No entanto via Luiza de noite, na saleta escura que dava para o patamar: uma lamparina ardia em cima da mesa: era feliz alli n'aquella penumbra, todo sentado castamente, ao pé de Luiza, a um canto de um velho campapé de palhinha: não a via de dia, porque trazia já a roupa usada, as botas cambadas, e não queria mostrar, á fresca Luiza, toda mimosa nas suas cambraias aceiadas, a sua miseria remendada: alli áquella luz tenue e esbaltada, elle exhalava a sua paixão crescente e escondia o seu fato decadente. Segundo me disse Ma-

cario — era muito singular o temperamento de Luiza. Tinha o character loiro, como o cabello — se é certo que o loiro é uma côr fraca e desbotada: fallava pouco, sorria sempre com os seus brancos dentinhos, dizia a tudo *pois sim*: era mais simples, quasi indifferente, cheia de transigencias. Amava de certo Macario, mas com todo o amor que podia dar a sua natureza debil, agoada, nulla. Era como uma estriga de linho, fiava-se como se quera: e ás vezes u'aquelles encontros nocturnos, tinha somno.

Um dia porém Macario encontrou-a excitada: estava com pressa, o chale traçado á tôa, olhando sempre para a porta interior.

— A mamã percebeu, disse ella.

E contou-lhe, que a mãe desconfiava, ainda rabujenta e aspera, e que de certo farejava aquelle plano nupcial tramado como uma conjuração.

— Por que não me vens pedir á mamã?

— Mas, filha, se eu não posso. Não tenho arranjo nenhum. Espera. E' mais um mez talvez. Tenho agora ahi um negocio em bom caminho. Morriamos de fome.

Luiza callou-se, torcendo a ponta do chale, com os olhos baixos.

— Mas ao menos, disse ella, enquanto eu te não fizer signal da janella, não subas mais, sim.

Macario rompeu a chorar; os soluços saiam violentos e desesperados.

— Chut! dizia-lhe Luiza. Não chores alto!...

Macario, contou-me a noite que passou, ao acaso pelas ruas, ruminando febrilmente a sua dôr, e lutando, sob a nudente friagem de janeiro, na sua quinzena curta. Não dormiu, e logo pela manhã,

ao outro dia, entrou como uma rajada, no quarto do tio Francisco e disse-lhe abruptamente, seccamente.

— É tudo o que tenho — e mostrava-lhe tres pintos. Roupa estou sem ella. Vendi tudo. D'aqui a pouco tenho fome.

O tio Francisco, que fazia a barba á janella, com o lenço da India amarrado na cabeça, voltou-se, e pondo os oculos, fitou-o.

— A sua carteira lá está. Fique, e accrescentou, com um gesto decisivo — solteiro.

— Tio Francisco ouça-me.

— Solteiro, disse eu, continuou o tio Francisco, dando o fio á navalha, n'uma tira de sola.

— Não posso.

— Então, rua.

Macario saiu, estonteado. Chegou a casa, deitou-se, chorou e adormeceu. Quando saiu, á noitinha, não tinha ainda resolução, nem idéa. Estava como uma esponja saturada. Deixava-se ir.

De repente, uma voz, disse de dentro de uma loja:

— Eh! pst! olá!

— Era o amigo de chapéu de palha: abriu grandes braços pasmados.

— Que diacho, desde manhã que te procuro!

E contou-lhe que tinha chegado da provincia, tinha sabido a sua crise, e trazia-lhe um desenhado.

— Queres?

— Tudo.

Uma casa commercial queria um homem habil, resolutivo e duro, para ir n'uma commissão difficil e de grande ganho, a Cabo-Verde.

— Prompto, disse Macario. Prompto. Amanhã.

E foi logo escrever a Luiza pedindo-lhe uma despedida, um ultimo encontro, aquelle em que os braços desolados e vehementes tanto costumam a desenlaçar-se. Foi. Encontrou-a toda embrulhada no seu chale, tiritando de frio. Macario chorou. Ella, com a sua passiva e loira doçura, disse-lhe :

— Fazes bem. Talvez ganhes.

E ao outro dia Macario partiu.

Conheceu as viagens trabalhosas nos mares inimigos, o enjão monotono n'um beliche abafado, os duros soes das colonias, a brutalidade tyrannica dos fazendeiros ricos, o peso das fardas humilhantes, as dilacerações da ausencia, as viagens no interior de terras negras, e a melancholia das caravanas que costeiam por violentas noites, durante dias e dias os rios tranquillos, d'onde se exhala a morte.

Voltou.

E logo n'essa tarde a viu a ella, Luiza, clara, fresca, repousada, serena, encostada ao peitoril da janella com a sua ventarola chineza. E ao outro dia soffregamente, foi pedil-a á mãe. Macario tinha feito um ganho saliente — e a mãe Villaça, abriu-lhe uns grandes braços amigos, cheia de exclamações. O casamento decidiu-se para d'ahi a um anno.

— Por quê, disse eu a Macario.

E elle explicou-me que os lucros de Cabo-Verde não podiam constituir um capital definitivo : eram apenas um capital de habilitação : trazia de Cabo-Verde elemento de poderosos negocios : trabalharia, durante um anno heroicamente, e ao fim poderia, socegradamente, crear uma familia.

E trabalhou : poz n'aquelle trabalho a força

creadora da sua paixão. Erguia-se de madrugada, comia á pressa, mal fallava. Á tardinha ia visitar Luiza. Depois voltava soffregamente para a fadiga como um avaro para o seu cofre. Estava grosso, forte, duro, fero: servia-se com o mesmo impeto das idéas e dos musculos: vivia n'uma tempestade de cifras. Ás vezes Luiza de passagem, entrava no seu armazem: aquelle pousar de ave fugitiva — dava-lhe alegria, valor, fé, reconforto — para todo um mez cheiamente trabalhado.

Por esse tempo o amigo do chapéu de palha veio pedir a Macario que fosse seu fiador por uma grande quantia que elle pedira para estabelecer uma loja de ferragens em grande. Macario, que estava no vigor do seu credito, cedeu com alegria. O amigo do chapéu de palha é que lhe deu o negocio providencial de Cabo Verde. Faltava então dois mezes para o casamento. Macario já sentia, por vezes subirem-lhe ao rosto as febris vermelhidões da esperança. Já começava a tratar dos *banhos*. Mas um dia o amigo do chapéu de palha desappareceu com a mulher de um alferes. O seu estabelecimento estava em começo. Era uma confusa aventura. Não se pôde nunca precisar nitidamente, aquelle *embroglio* doloroso. O que era positivo é que Macario era fiador, Macario devia reembolsar. Quando o soube empallideceu e disse simplesmente: — Líquido e pago.

E quando liquidou ficou outra vez pobre. Mas n'esse mesmo dia, como o desastre tivera uma grande publicidade, e a sua honra estava santificada na opinião, a casa Peres & C.^a, que o mandara a Cabo Verde, veio propor-lhe uma outra viagem e outros ganhos.

— Voltar a Cabo Verde outra vez!

— Faz outra vez fortuna, homem. O senhor é o diabo, disse o sr. Eleuterio Peres.

Quando se viu assim, só e pobre, Macario desatou a chorar. Tudo estava perdido, findo, extinto; era necessario recommençar pacientemente a vida, voltar ás longas miserias de Cabo Verde, tornar a tremer os passados desesperos, suar os antigos suores! E Luiza? Macario escreveu-lhe. Depois rasgou a carta. Foi a casa d'ella: as janellas tinham luz: subiu até ao primeiro andar, mas ahí tomou-o uma magua, uma covardia de revelar o desastre, o pavor tremulo de uma separação, o terror de ella se recusar, negar-se, hesitar! E quereria ella esperar mais! Não se atreveu a fallar, explicar, pedir; desceu pé ante pé. Era noite. Andou ao acaso pelas ruas: havia um sereno e silencioso luar. Ia sem saber: de repente ouviu, de uma janella allumiada, uma rebecca que tocava a *xacara mourisca*. Lembrou-se do tempo em que conhecera Luiza, do bom sol claro que havia então, e do vestido d'ella, de cassa com pintas azues! Estava na rua onde eram os armazens do tio. Foi caminhando. Poz-se a olhar para a sua antiga casa. A janella do escriptorio estava fechada. Quantas vezes d'alli vira Luiza, e o brando movimento do seu leque chinez: mas uma janella no segundo andar tinha luz; era o quarto do tio. Macario vae observar mais de longe: uma figura estava encostada por dentro á vidraça: era o tio Francisco. Veiu-lhe uma saudade de todo o seu passado simples, retirado, placido. Lembrou-lhe o seu quarto, e a velha carteira com fecho de prata, e a miniatura de sua mãe, que estava por cima da barra do leito; a salla de jantar e o seu velho aparador

de pau preto, e a grande caneca da agua, cuja aza era uma serpente irritada. Decidiu-se, e impellido por um instincto bateu á porta. Bateu outra vez. Sentiu abrir a vidraça, e a voz do tio perguntar:

— Quem é?

— Sou eu, tio Francisco, sou eu. Venho dizer lhe adeus.

A vidraça fechou-se, e d'ahi a pouco a porta abriu-se com um grande ruido de ferrolhos. O tio Francisco tinha um candieiro de azeite na mão. Macario achou-o magro, mais velho. Beijou lhe a mão.

— Suba, disse o tio.

Macario ia callado, cosido com o corrimão.

Quando chegou ao quarto o tio Francisco poisou o candieiro sobre uma larga mesa de pau santo, e de pé, com as mãos nos bolsos, esperou.

Macario estava callado, anediando a barba.

— Que quer? gritou-lhe o tio.

— Vinha dizer-lhe adeus; volto para Cabo Verde.

— Boa viagem. E o tio Francisco, voltando-lhe as costas, foi rufar na vidraça.

Macario ficou immovel, deu dois passos no quarto todo revoltado e ia sair.

— Onde vae, seu estúpido? gritou-lhe o tio.

— Vou-me.

— Sente-se alli. E o tio Francisco fallava, com grandes passadas pelo quarto.

— O seu amigo é um canalha! Loja de ferragens! Não está má! O senhor é um homem de bem. Estúpido, mas homem bem. Sente-se alli! Sente-se! O seu amigo é um canalha! O senhor é um homem de bem! Foi a Cabo Verde! Bem sei! Pagou tudo. Está claro! Tambem sei! Amanhã faz favor de ir

para a sua carteira, lá para baixo. Mandei pôr palhinha nova na cadeira. Faz favor de pôr na factura Macario e sobrinho. E case. Case e que lhe preste. Levante dinheiro. O senhor precisa de roupa branca, e de mobilia. Levante dinheiro. E metta na minha conta. A sua cama lá está feita.

Macario, queria abraçal-o estonteado, com as lagrimas nos olhos, radioso :

— Bem, bem. Adeus.

Macario ia sair.

— Oh! burro, pois quer-se ir d'esta sua casa.

E indo a um pequeno armario trouxe gelea, um covilhete de doce, uma garrafa antiga do Porto, e biscoitos.

— Coma.

E sentando-se ao pé d'elle, e tornando a chamar-lhe estúpido tinha uma lagrima a correr-lhe pelo engilhado da pelle.

De sorte que o casamento foi decidido para d'alli a um mez. E Luiza começou a tratar do seu enxoval.

Macario estava então na plenitude do amor e da alegria. Via o fim da sua vida preenchido, completo, radioso. Estava quasi sempre em casa da noiva, e um dia andava-a acompanhando, em compras, pelas lojas. Elle mesmo lhe quizera fazer um pequeno presente, n'esse dia. A mãe tinha ficado n'uma modista, n'um primeiro andar da rua do Ouro, e elles tinham descido, alegremente, rindo, a um ourives que havia em baixo, no mesmo predio, na loja.

O dia estava d'inverno, claro, fino, frio, com um grande ceu azul ferrete profundo, luminoso, consolador.

— Que bonito dia, disse Macario.

E com a noiva pelo braço, caminhou um pouco, ao comprido do passeio.

— Está! disse ella. Mas podem reparar; nós sós...

— Deixa, está tão bom...

— Não, não.

E Luiza arrastou-o brandamente para a loja do ourives. Estava apenas um caixeiro, trigueiro, de cabello hirsuto.

Macario disse-lhe:

— Queria ver anneis.

— Com pedras, disse Luiza, e o mais bonito.

— Sim, com pedras, disse Macario; amethista, granada. Emfim, o melhor.

E no entanto Luiza ia examinando as *montres* forradas de veludo azul, onde reluziam as grossas pulseiras cravejadas, os grilhões, os collares de camapheus, os anneis d'armas, as finas *allianças* frageis como o amor, e toda a scintillação da pesada ourivesaria.

— Vê, Luiza, disse Macario.

O caixeiro tinha estendido na outra extremidade do balcão, em cima do vidro da *montre*, um reluzente espalhado de anneis de ouro, de pedras, lavrados, esmaltados; e Luiza tomando-os e deixando-os com as pontas dos dedos, ia-os correndo e dizendo:

— É feio. É pesado. É largo.

— Vê este, disse-lhe Macario.

Era um anel de pequenas perolas.

— É bonito, disse ella. É lindo!

— Deixa vêr se serve, disse Macario.

E tomando-lhe a mão, metteu-lhe o anel deva-

garrinho, docemente no dedo; e ella ria, com os seus brancos dentinhos finos, todos esmaltados.

— É muito largo, disse Macario, que pena!

— Aperta-se, querendo. Deixe a medida. Tem-no prompto amanhã.

— Boa idéa, disse Macario; sim, senhor. Porque é muito bonito. Não é verdade? As perolas muito eguaes, muito claras. Muito bonito. E estes brincos? — accrescentou, indo ao fim do balcão, a outra *montre*. — Estes brincos com uma concha?

— Dez moedas, disse o caixeiro.

E no entanto Luiza continuava examinando os aneis, experimentando-os em todos os dedos, revolvendo aquella delicada *montre* scintillante e preciosa.

Mas de repente o caixeiro fez-se muito pallido, e affirmou-se em Luiza, passeando vagarosamente a mão pela cara.

— Bem, disse Macario, aproximando-se: então amanhã temos o anel prompto. A que horas?

O caixeiro não respondeu, e começou a olhar fixamente para Macario.

— A que horas?

— Ao meio dia.

— Bem, adeus; — disse Macario. E iam sair. Luiza trazia um vestido de lã azul, que arrastava um pouco, dando uma ondulação melodiosa ao seu passo, e as suas mãos pequeninas estavam escondidas n'um regalo branco.

— Perdão, — disse de repente o caixeiro. Macario voltou-se. — O senhor não pagou.

Macario olhou para elle gravemente.

— Está claro que não. Amanhã venho buscar o anel, pago amanhã.

— Perdão, disse o caixeiro, mas o outro...

— Qual outro? disse Macario com uma voz surprehendida, adiantando-se para o balcão.

— Essa senhora sabe, disse o caixeiro. Essa senhora sabe.

Macario tirou a carteira lentamente.

— Perdão, se ha uma conta antiga...

O caixeiro abriu o balcão, e com um aspecto resolutivo:

— Nada, meu caro senhor, é d'agora. É um anel com dois brilhantes que aquella senhora leva.

— Eu! disse Luiza, com a voz baixa, toda es-carlate.

— Que é? Que está a dizer?

E Macario, pallido, com os dentes cerrados, contrahido, fitava o caixeiro colericamente.

O caixeiro disse então:

— Essa senhora tirou d'alli um anel. — Macario ficou immovel, encarando-o. — Um anel com dois brilhantes. Vi perfeitamente. — O caixeiro estava tão excitado, que a sua voz gaguejava, prendia-se expeçadamente. — Essa senhora não sei quem é. Tirou-o d'alli...

Macario, machinalmente, agarrou-lhe no braço, e voltando-se para Luiza, com a palavra abafada, gotas de suor na testa, livido:

— Luiza, dize... — mas a voz cortou-se-lhe.

— Eu... — disse ella. Mas estava tremula, assombrada, enfiada, decomposta; e tinha deixado cair o regalo no chão.

Macario veio para ella, agarrou-lhe no pulso fitando-a: e o seu aspecto era tão resolutivo e tão imperioso, que ella metteu a mão no bolso, bruscamente, apavorada, e mostrando o anel;

— Não me faça mal, disse, encolhendo-se toda. Macario ficou com os braços caídos, o ar abstracto, os beiços brancos; mas de repente, dando um puxão ao casaco, recuperando-se disse ao caixeiro :

— Tem razão. Era distracção. Está claro. Esta senhora tinha-se esquecido. É o anel. Sim, senhor, evidentemente. Tem a bondade. Toma, filha. Toma. Deixa estar, este senhor embrulha-o. Quanto custa ?

Abriu a carteira e pagou.

Depois apanhou o regalo, sacudiu-o brandamente, limpou os beiços com o lenço, deu o braço a Luiza, e dizendo ao caixeiro *desculpe, desculpe*, levou-a, inerte, passiva, extincta e aterrada.

Deram alguns passos na rua. Um largo sol aclarava o genio feliz : as seges passavam, rolando ao estalido do chicote : figuras risonhas passavam conversando : os pregões ganiam os seus gritos alegres : um cavalleiro de calção d'anta fazia la-dear o seu cavallo, enfeitado de rosetas ; e a rua estava cheia, ruidosa, viva, feliz e coberta de sol.

Macario ia machinalmente como n'um fundo de um sonho. Parou a uma esquina. Tinha o braço de Luiza passado no seu ; e via-lhe a mão pendente, era de cera, com as veias docemente azuladas, os dedos finos e amorosos : era a mão direita, e aquella mão era a da sua noiva ! E instinctivamente leu o cartaz que annunciava para essa noite *Palafoz em Saragoça*.

De repente, soltando o braço de Luiza, disse-lhe baixo :

— Vae-te.

— Ouve, disse ella, com a cabeça toda inclinada.

— Vae-te. — E com a voz abafada e terrivel. — Vae-te. Olha que chamo. Mando-te para o Aljube. Vae-te.

— Mas ouve, Jesus, disse ella.

— Vae-te! — E fez um gesto com o punho cerrado.

— Pelo amor de Deus, não me batas aqui, disse ella suffocada.

— Vae-te, podem reparar. Não chores. Olha que veem. Vae-te.

E chegando-se para ella, disse baixo:

— És uma ladra.

E voltando-lhe as costas, affastou-se, devagar, riscando o chão com a bengala.

A distancia voltou-se: ainda viu, atravez dos vultos, o seu vestido azul.

Como partiu n'essa tarde para a provincia, não soube mais d'aquella rapariga loura.